

DE MARIA A ISABEL, DO SILÊNCIO AO GRITO: CHEGA DE MACHISMO NO CENÁRIO E NOS VERSOS DO CORDEL

SILVA, Daniela Souza¹
SANTOS, Alvanita Almeida²

RESUMO: Este artigo versa sobre a importância da luta das cordelistas pelo fim dos discursos e posturas machistas no cenário da literatura de cordel brasileira. Pretende-se situar sexo e gênero de forma a entender como todo corpo feminino é atravessado por essa construção social que define o que é ser e o que pode ou não uma mulher. Norteiam esta abordagem as propostas de outras práticas metodológicas para o estudo das poéticas orais/da voz (MATOS, 2018) e as reflexões que problematizam as relações de gênero, reformulando as concepções do feminismo ocidental branco (OYEWÙMÍ, 2021). Forjada pela tradição oral, feita para ser cantada nas praças, nas feiras, a literatura de cordel brasileira era um campo majoritariamente masculino, fruto de um tempo em que a mulher não tinha direitos básicos como estudar e votar. Um corpo feminino produzindo e erguendo a voz pelas praças e feiras do país era algo inconcebível, talvez esse seja um dos motivos para o distanciamento das mulheres do cenário da literatura de cordel por muitos anos. Contudo, essa realidade vem mudando e muitas vozes femininas têm se erguido para dominar esse campo da literatura e gritar pelo fim do machismo nos versos e no cenário do cordel brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Cordel; Gênero; Machismo; Vozes femininas.

FROM MARIA TO ISABEL, FROM SILENCE TO SCREAMING: NO MORE MALE CHAUVINISM IN THE SCENE AND IN THE VERSES OF THE CORDEL

¹ Mestranda em Teorias e Críticas da Literatura e da Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLitCult/UFBA). Especialista em Estudos Linguísticos e Literários pela mesma instituição. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9502-6796> E-mail: dansousil@yahoo.com.br

² Professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia. Desenvolve projeto de pesquisa sobre Literatura Popular, estudando as representações de mulheres em diferentes gêneros textuais populares. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0665-1659> E-mail: alvanitaalmeida@ufba.br

ABSTRACT: This paper focuses on the struggles faced by the cordel poets to abolish sexist discourses and posture among the scenario of Brazilian cordel literature. Therefore, sex and gender must be contextualized in order to understand how every female body has embodied within, this social construction that insists on dictating what a woman has to be like and what she can or cannot do. There are approaches of other methodological practices for the study of oral poetry/ of the voice (MATOS, 2018) and the reflections that call into question the discussions related to gender relations, reformulating the conceptions of the so called: western white feminism (OYEWÙMÍ, 2021). Forged by oral tradition and made to be sung from square to square, from one street fair to the other, Brazilian cordel literature, until recently, was a field that was mainly dominated by males, and this could not have been any different, after all, for the longest time women did not have any voice. Until not long ago, they had no right to vote nor were they allowed to access higher education. It was unthinkable then, to have a female producing poetry, and thus raising its voice throughout the squares and street fairs of the country. Therefore, perhaps, this is one of the reasons for the lack of women's voices in the scenario of cordel literature for many years. However, this reality has been changing and many female voices have been raised and have since then, been dominating this field of literature as a cry out to the end male chauvinism in the verses and in the scenario of the Brazilian cordel.

KEYWORDS: Cordel; Genre; Male Chauvinism; Female voices.

Introdução

É muito comum, ao falar sobre a literatura de cordel, lembrarmos de nomes como Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde, Bule-Bule, Patativa do Assaré, Marco Haurélio, entre outros. Mas onde estão as mulheres? Não há produção feminina no cenário do cordel brasileiro?

A historiografia, não só da literatura de cordel brasileira como também de outros campos, mostra que por muito tempo, devido a diferentes meios e formas de opressão impostas pelo patriarcado, as mulheres foram silenciadas e impedidas de fazer escolhas em suas vidas. Ainda que produzindo, em diferentes esferas, seus nomes não apareciam, suas vozes não eram escutadas. Em vista disso, no âmbito da literatura popular, as produções permaneceram, por um longo período, centradas no discurso do masculino que, travestido de conservadorismo, faziam saltar entre os versos metrificadas do cordel discursos machistas e sexistas. Por ser um meio “dominado” por homens, muitas mulheres apreciavam e até mesmo conviviam em ambientes

em que essa poética estava inserida, mas não lhes era permitido adentrar esse mundo de produção cordelística.

Apesar dos entraves, toda mulher, sendo ela a primeira vítima dessa construção social que é a categoria gênero, aprende desde muito cedo a usar artifícios e a “driblar” o sistema na luta por um espaço na sociedade que tanto oprime seu corpo. Dessa forma, surgem nomes como os das cordelistas Maria das Neves Batista Pimentel e Isabel Nascimento, mulheres que, dentro do seu tempo e contexto, levantaram-se erguendo a voz para lutar para que tivessem protagonismo nesse campo literário. Essas referências já estão hoje sendo estudadas e sua produção tem vindo à tona com trabalhos como os de Francisca Santos (2020).

Percebendo a importância do papel de cada uma dessas mulheres na luta pelo fim do machismo e dominação masculina no cenário do cordel brasileiro, esse trabalho objetiva discutir os atravessamentos sofridos pelos corpos femininos, tendo em vista a questão de gênero e o quanto essa categoria implica na vida de toda mulher, alcançando até mesmo o campo da literatura popular.

O interesse por estudar esse tema surgiu quando a cordelista sergipana Isabel Nascimento sofreu diversos ataques machistas promovidos por poetas cordelistas. Tudo isso ocorreu após a poetisa participar de uma mesa de debates e levantar uma questão que estava muito latente: a presença de discursos e atitudes machistas entre cordelistas. A poetisa usou a sua voz e vez naquela mesa para denunciar algo que para ela estava nítido; contudo, muitos, por ocupar um lugar de conforto e privilégio, faziam de conta que o problema não existia ou, quem sabe, nunca existiu. Em entrevista concedida a *Revista Matraca*, a poetisa cordelista Isabel Nascimento afirma:

Não se trata apenas de um problema isolado, ou de uma lista com itens que afetam somente as mulheres cordelistas. O machismo que está estruturado e profundamente enraizado na sociedade também se manifesta no cordel. Este é o ponto principal da nossa denúncia: dizer que há machismo no cordel, ao contrário do que se imagina. A tentativa de apagamento, o assédio, o desrespeito, a objetificação da mulher são pés através dos quais o machismo caminha também no universo poético cordelista.³

³ <https://matracas.com.br/cordelistas-de-todo-o-pais-se-mobilizam-contr-o-machismo-na-literatura-de-cordel/>, Acesso em 13/04/2023, às 09h28.

Diante dessa fala tão importante, sobretudo, em tempos de empoderamento e luta feminina nos diferentes espaços da sociedade e também na produção literária, a poetisa percebe certa inquietação e insatisfação por parte dos homens que participavam do evento, demonstrando que, apesar dos avanços, ainda existe uma corrente machista muito forte e que alguns poetas insistem em defender e sustentar uma espécie de dominação masculina nesse campo da literatura.

Os corpos e seus atravessamentos

“Diferentes situações sociais são sobredeterminadas pela raça, pelo gênero, pela classe, ou por cada uma dessas categorias por sua vez”;
(MCCLINTOCK, 2010.)

Quais características biológicas fazem o homem apto para alguma tarefa e inapto para outras? Quais características biológicas são capazes de colocar homens e mulheres em lugares tão distintos? Eles, até pouco tempo, predestinados a gozar da total liberdade, pensadores, produtores de conhecimento, provedores e viris, quase um ser elevado e superior; enquanto elas nasciam com o destino traçado, tolhidas, limitadas, destituídas até mesmo do prazer, reduzidas à procriação, à manutenção da família e aos cuidados do lar. Conforme aponta Oyèrónké Oyewùmí (2021, p. 202):

O gênero é concebido, antes de mais nada, como uma categoria biológica dicotômica que é então usada como base para a construção de hierarquias sociais. O corpo é usado como chave para situar as pessoas no sistema social ocidental, na medida em que a posse ou a ausência de certas partes do corpo inscreve diferentes privilégios e desvantagens sociais.

A partir do que afirma Oyewùmí fica explícito o quanto o corpo, em sociedades ocidentais, representa a chave para a manutenção ou perdas de privilégios dentro da sociedade. Seguindo essa lógica, o “destino” dos corpos começa a ser definido bem cedo, na barriga, ainda em processo de formação. A presença do pênis ou da vagina vai dando contorno, modelando um projeto de vida que cresce e se nutre a partir da presença de uma parte ou de outra. Não só os sonhos, mas o lugar na sociedade também é traçado tendo em vista esse olhar sexista.

O corpo feminino é biologicamente marcado pela presença de seios e útero. A presença dessas partes historicamente representou uma sequência de violências, opressões e desvantagens para as mulheres, as quais, por muito tempo, tiveram seus corpos reduzidos à procriação e destituídos de tudo que as fizessem ser percebidas como seres pensantes, produtores de conhecimento e aptos a exercer qualquer tipo de função ou trabalho que não fossem os cuidados da família e lar. Diante disso, através dessa concepção sexista, a sociedade seguiu ditando quais características devem ter um homem e uma mulher, como devem se comportar, o que podem ou não podem fazer e quais espaços esses corpos devem ocupar. A autora Joan Scott (1995) vai diferenciar sexo e gênero, afirmando que:

O termo "gênero" também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. "Gênero" é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens. (SCOTT,1995, p.75)

Em vista disso, é possível perceber que o sexo está ligado às condições biológicas, enquanto o gênero está associado aos padrões de conduta e comportamento que são ditados pela sociedade. E não é algo próprio de um sexo ou outro, são construções sociais que estão diretamente relacionadas a uma forma de manutenção do poder, ou seja, sexo não é sinônimo de gênero. Portanto, características como delicadeza e fragilidade, que são associadas ao feminino, bem como a virilidade e força, associadas à masculinidade, foram construídas no seio da sociedade e perpetuadas por um longo período.

Historicamente, as mulheres têm pago um alto preço por ser a matriz da vida. Casar-se, tornar-se mãe, formando uma família heteronormativa, por muito tempo, foi a única via possível

para alcançar a “realização” aos corpos que possuem determinadas partes. Enquanto isso, os homens, possuidores do falo, “do poder gerador da natureza”, esses sempre gozaram de todo privilégio possível: estudavam, trabalhavam fora do lar, eram livres para viver e sentir prazer da forma que escolhiam.

O gênero masculino sempre foi um gênero privilegiado por natureza, isso, desde que o mundo fora criado. Ora, segundo a *Bíblia Sagrada* do Cristianismo, Adão não fora aquele que doou uma costela para criação da mulher e por ela fora enganado? Movido pela ira, Deus “condena” o homem a viver do próprio trabalho e a mulher à dor da procriação. Daí em diante, o homem sai de casa para trabalhar enquanto a mulher está fadada a procriar, sentir as dores do parto e, dentro de casa, cuidar da família. Corroborando com essa análise, Oyewùmí (2021, p. 202) vai dizer que “as construções de gênero não são em si biológicas – elas são culturalmente constituídas, e sua manutenção é uma função dos sistemas culturais”.

Pautados pelas concepções de gênero, e dentro de uma lógica dicotômica e eurocêntrica, os padrões são constituídos. De fato, as mulheres são as maiores vítimas dessa percepção distorcida de gênero; contudo, os homens também sofrem, com menos intensidade, claro, mas há de haver algum sofrimento, sobretudo, para aqueles que não conseguem se encaixar ou, no mínimo, performar tais modelos. É possível perceber que nesse jogo hierárquico, construído a partir de noções equivocadas de gênero, homens e mulheres são atingidos e fortemente feridos de alguma maneira. Segundo Anne McClintock (2010), o gênero é um problema tanto para a masculinidade quanto para a feminilidade.

Homens e mulheres sofrem com esses padrões socialmente estabelecidos que dividem seus corpos e ditam o que podem ou não fazer, as formas de ser e agir de cada um. Assim, como é difícil para as mulheres conviver com esses modelos sociais que são impostos há muito tempo, é difícil também para os homens assumir os papéis a eles atribuídos, o homem como másculo, viril, provedor e a mulher “pura, recatada e do lar”. Todavia, são as mulheres as maiores vítimas dessa construção social e histórica que é a categoria gênero. Para Oyewùmí (2021, p. 204), “as mulheres são oprimidas pelo patriarcado em qualquer sociedade”. Ou seja, independente do contexto geográfico ou social, as mulheres sempre serão as maiores vítimas das noções equivocadas de gênero.

As questões de gênero sempre impactaram toda a estrutura social, afinal, foi a partir do entendimento do que é ser homem ou mulher, do que cabe a um ou ao outro e dos papéis assumidos por esses, que o mundo se estruturou. Entretanto, as mulheres vêm lutando em prol

da reconfiguração do que está posto, pois ser a matriz da vida, não pode ser justificativa para aceitarem seus corpos reduzidos, limitados, privados do prazer e dominados pela masculinidade e pelo Estado, pois a existência ou a falta de certas partes do corpo não são suficientes para determinar diferenças entre homens e mulheres, entendendo que ambos possuem o mesmo potencial físico e cognitivo, logo não existe um limite entre o que pode ou não pode fazer um corpo feminino.

A escrita parte do lugar de quem escreve

O entendimento do gênero enquanto uma categoria, uma construção criada socialmente, e as discussões em torno desse tema é algo bastante recente, porém a luta por igualdade entre homens e mulheres é muito antiga. A história confirma o quanto ano após ano as mulheres vêm lutando para ocupar espaços na sociedade, para ter vez e voz, sobretudo, para serem escutadas e respeitadas nos diferentes campos que escolheram ocupar. Mesmo diante de algumas conquistas, é perceptível que a luta ainda se fará necessária por um longo período até que a equidade de gênero seja realmente alcançada.

A escrita enquanto ofício sempre foi dominada pela masculinidade, que seguia um determinado padrão: homens brancos e heterossexuais. As vozes femininas levaram um tempo para ocupar esse seletivo espaço. Ora, se a escrita parte do lugar de quem escreve, não é uma tarefa tão difícil entender o porquê de tantos discursos machistas e sexistas numa sociedade em que, até pouquíssimo tempo, apenas o homem tinha liberdade e voz.

Assim como em outros campos da sociedade, no âmbito das produções literárias a presença feminina, por um longo período, foi inexistente ou escassa. Não que faltasse às mulheres o domínio das palavras, sejam elas escritas ou orais, mas seu corpo não era aceito nesse meio. Tal qual a literatura denominada canônica, o campo da literatura popular no Brasil sempre foi marcado pelas opressões de gênero. Com forte presença masculina e heterossexual, o discurso machista imperava e reforçava representações já cristalizadas no imaginário feminino, corroborando para o afastamento das mulheres.

O cordel, caracterizado por ser uma produção impressa com características peculiares dentro das poéticas da oralidade, difere do repente, especialmente na contemporaneidade, quando as/os jovens poetas adotam uma outra forma de composição. A tradição do cordel define-se por ser este um gênero popular de fronteira. É uma produção impressa, mas que tem

um modelo de composição dos textos orais, propondo-se como um texto para ser dito, declamado em voz alta, performatizado. Segundo Matos (2018), sendo a voz a raiz de toda comunicação, a poesia busca a pronúncia, o som, pois a vibração da voz faz parte do corpo de sua escritura.

Forjada pela tradição oral, a literatura de cordel brasileira tem suas raízes na oralidade, como as pelepas e as cantorias nordestinas. Como toda literatura pertencente à cultura oral, primariamente, teve a memória como principal recurso para disseminação e conservação enquanto produto intelectual. Feita para ser cantada de praça em praça, de feira em feira, nos cantos mais remotos do Nordeste do país, a presença masculina sempre prevaleceu, e não poderia ser diferente, tendo em vista toda a construção de gênero que paira na sociedade brasileira desde que foi gestada. A “liberdade” e a independência feminina ainda é algo bastante recente. Conforme aponta Miguel e Biroli (2014, p. 17):

A desigualdade entre homens e mulheres é um traço presente na maioria das sociedades, se não em todas. Na maior parte da história, essa desigualdade não foi camuflada nem escamoteada; pelo contrário, foi assumida como um reflexo da natureza diferenciada dos dois sexos e necessária para a sobrevivência e progresso das espécies.

Sendo as desigualdades entre homens e mulheres algo bem presente na estrutura da sociedade brasileira, era até então inconcebível imaginar uma mulher erguendo sua voz e doando seu corpo para vivificar e vender seus versos ou de outrem pelas ruas, praças e feiras, de cidade em cidade, sobretudo em uma região dominada pelo patriarcalismo, uma vez que, até pouquíssimo tempo, o corpo feminino estava fadado a procriar e a trabalhar em casa e/ou na roça. Assim seguiu a dominação masculina nesse meio.

Estudos apontam o autor Leandro Gomes de Barros como precursor do cordel brasileiro, tendo escrito cerca de mil folhetos com histórias que, até a atualidade, de alguma forma, estão vivas na cabeça do povo como: *Juvenal e o Dragão*, *Uma Viagem ao Céu*, *Vida e Testamento de Cancão de Fogo* e *O cavalo que Defecava Dinheiro*. Consoante, afirma Haurélio (2013, p. 11), “foi Leandro Gomes de Barros, poeta paraibano radicado no velho Recife, o herói desbravador da seara do cordel e o modelo a ser seguido por todos os poetas do gênero”.

Não se pode falar em literatura de cordel sem lembrar de outros nomes como João Martins de Athayde, Rodolfo Coelho Cavalcante, Severino Borges da Silva, entre outros.

Contudo, apesar de dominar, a voz masculina não era a única nesse universo. Pouco se fala ou falava da presença feminina na escrita cordelística, porém, assim como em outros campos, a mulher sempre esteve presente. Ainda que “nos bastidores”, a voz feminina sempre ecoou no universo do cordel. As mulheres têm mostrado como são ativas no cordel, como demonstra o artigo de Francisca Santos (2006). Mulheres escrevendo cordéis parece novidade, algo contemporâneo, mas não é bem assim. Mesmo em tempos em que a mulher era criada e educada para seguir seu único destino – casar-se, cuidar dos afazeres domésticos e da família – já havia mulheres escrevendo, tentando subverter essa lógica patriarcal que oprime e reduz o feminino a todo tempo. A exemplo disso, no mundo do cordel, encontra-se a autora Maria das Neves Batista Pimentel, hoje conhecida como a mãe do cordel brasileiro, pois foi a primeira mulher a publicar folhetos, em 1938, com o cordel *O violino do diabo ou o valor da honestidade*, publicado e vendido na livraria do seu pai em João Pessoa.



Figura 1: Capa do cordel
Fonte: Memórias da Poesia popular, 2020⁶



Figura 2: Maria das Neves
Fonte: Paraíba criativa, 2018⁴



Figura 3: Capa do cordel
Fonte: Foque, 2020⁵

As imagens acima – da cordelista Maria Batista das Neves Pimentel e de um de seus folhetos – retratam uma mulher comum que age conforme os padrões da época, e isso pode ser percebido através da análise do penteado do cabelo, da vestimenta, do semblante e, até mesmo, pela própria postura corporal; todavia, Maria Batista das Neves Pimentel, filha do poeta

⁴ Disponível em: <https://memoriasdapoesiapopular.files.wordpress.com/2020/05/o-violino-do-diabo-ou-o-valor-da-honestidade.jpg?w=716>

⁵ Disponível em: <https://www.paraibacriativa.com.br/wp-content/uploads/2018/05/Maria-das-Neves-Batista-Pimentel-1.jpg>

⁶ Disponível em: <https://foque.com.br/foque/wp-content/uploads/2020/08/neves.jpg>

Francisco das Chagas Batista, rompendo com os ditos do patriarcado que quer limitar o corpo feminino e com a tradição das vozes masculinas na escrita do cordel, escreveu e publicou seu primeiro folheto de cordel em um período em que apenas homens publicavam.

Romper com essa tradição não era tarefa fácil, o que, mais uma vez, exigiu “ginga” e perspicácia do corpo feminino. Percebendo que nos folhetos da época só havia nome de homens e sabendo das dificuldades que teria para romper essa barreira e colocar seus escritos na praça, espaço majoritariamente masculino, onde predominavam produções com discursos moralizantes e conservadores em que os poetas reproduziam nos folhetos os preconceitos vigentes na sociedade, rebaixando as mulheres cujo comportamento não estivesse dentro das normas estabelecidas pela moral vigente na época, Maria das Neves, utilizando das armas que tinha, rompe com um ciclo de dominação masculina no espaço da poesia popular. Diante dessa realidade, Maria das Neves opta por usar o pseudônimo Altino Alagoano, nome do seu marido, assim como afirma em entrevista concedida à autora Maristela Mendonça:

Todos os folhetos que foram vendidos na livraria de meu pai ou que foram impressos tinham nome de homem, eram homens que faziam, não existia naquele tempo folheto feito por mulher, e eu, para que não fosse a única, né, meu nome aparecesse no folheto, não fosse eu a única, então eu disse:

– Eu não vou botar meu nome. Aí meu marido disse:

– Coloque Altino Alagoano (PIMENTEL apud MENDONÇA, 1993, p. 70).

E assim foi feito, a autora seguiu publicando como Altino Alagoano. Conforme relatou a poetisa, entendendo as dificuldades que enfrentaria para adentrar esse espaço, naquele momento, ocupado apenas por corpos e vozes masculinas, percebe que ocultar sua verdadeira identidade seria o caminho possível para ter sua escrita aceita pelo público e encontra no pseudônimo uma forma de levar seus versos para outros espaços. Assim, temendo não ser aceita, manteve-se escrevendo, conforme os valores vigentes na época e publicando como Altino Alagoano. Em suas narrativas, as personagens femininas continuavam ocupando os mesmos espaços que até ali lhe foram delegados, não poderiam aparecer como corpos dissidentes, expressar opiniões ou assumir funções ou ocupar espaços que eram destinados apenas aos homens, elas precisavam manter-se obedientes aos valores da época. No folheto *O Violino do Diabo ou o Valor da Honestidade* (1938), Maria das Neves, sob o pseudônimo de

Altino Alagoano, introduz a narrativa seguindo os moldes da poesia tradicional e exaltando valores e comportamentos tão exaltados na época:

A virtude é um lago
De águas bem cristalina,
Um espelho de diamante,
Uma joia rara e fina,
Onde o vício não pode
Lançar a mão assassina!

A mulher honesta e boa
De perfeita educação
É o cofre onde a virtude
Faz sua morada, então
O homem mais sedutor
Não mancha seu coração!
(ALAGOANO, 1981).

Nas estrofes iniciais do texto a poetisa vai traçando o perfil da boa mulher, aquela que é educada, polida, virtuosa e honesta, que não permite ser seduzida, a típica mulher “bela, recata e do lar”, tal qual tem sido exaltada ao longo do tempo. Ainda que “replicando” os valores da época e mantendo-se sob uma “sombra” masculina, pois não havia como criar versos contestando ou criticando valores instituídos naquela época, Maria das Neves, com muita coragem e sagacidade, provoca uma fratura nessa tradição masculina e desbrava caminhos para que outras mulheres entrem em cena na escrita do cordel, narrem suas próprias histórias e ergam as vozes para falar das suas dores e anseios.

Muitos anos se passaram, mas pouca coisa mudou no cenário da literatura popular e do cordel, pois, ainda hoje, esse espaço é bastante ocupado por homens; contudo, já é possível encontrar mulheres narrando suas histórias, aspirações e aflições como expoentes da poética cordelística: Isabel Nascimento, Salete Maria, Jarid Araes, Julie Oliveira, Dalinha Catunda e tantas outras encontram-se em cena, resistindo e reafirmando a voz da mulher cordelista nas “praças” do país.

No folheto *Cidadania Nome de Mulher* (2001), a autora Salete Maria desenvolve sua narrativa reafirmando a cidadania enquanto um direito da mulher que outrora vivia subjugada ao corpo masculino:



Quando minha bisavó
Vivia pelo sertão
Era um tempo de aperreio
Era grande a precisão
Mulher não tinha direito
Pro homem tudo era feito
Só ele era cidadão.

Era comum se ouvir
Que mulher vive é calada
Faz a vontade do homem
Para não ficar “falada”
A mulher era um objeto
Casava pra ter um teto
E cuidar da filharada.
[...]
Vamos mostrar que pensamos
E procriamos ideias
E que não só menstruamos
Gritemos em assembleia
Cidadania se quer
E tem nome de mulher
Eis a nossa epopeia.
(SILVA, 2001)

Os versos da poetisa Salete Maria demonstram a luta feminina e os avanços alcançados ao longo do tempo. Se em outros tempos o corpo feminino já nascia com seu destino traçado, hoje a mulher ganhou autonomia, pode votar, trabalhar e ser dona do seu próprio corpo; todavia, ver mulheres escrevendo versos de cordéis e ter a consciência de que esse campo já não é ocupado apenas pela masculinidade não tem impedido que os discursos e ações machistas transitem por esse espaço.

No cordel *Mulher Boa e Que Não Presta* (2011), o autor Damísio Mangureira desenvolve sua narrativa confrontando o comportamento feminino dentro de uma construção dualística: o bom e o ruim. Sob viés machista e patriarcal, em suas estrofes escritas em décimas, expõe as qualidades que definem uma mulher “boa”, e que esta deve possuir:

Quando uma mulher é boa
Ajuda muito ao marido
Traz à vida sentido
Não faz brigas à toa
Os dias não passam, voa



Na mais perfeita união
Não existe confusão
Nenhum desentendimento
A vida é pra' o casamento
E a casa é a sua paixão.
[...]

Quando a mulher não presta
O cabra está é lascado
Só vive endividado
Dinheiro só dá pra festa
Da casa ela detesta
Só fala em comer fora
Só chega fora de hora
E se o marido falar
Começa logo a brigar
Diz logo que vai embora.
(MANGUEIRA, 2011)

No recorte acima, o autor estabelece uma comparação entre o comportamento da mulher que ele denomina “boa” e a que “não presta”. Nesse jogo dualístico entre o bom e o mau, é possível perceber que, segundo o autor, a boa mulher seria aquela que vive para cuidar dos afazeres domésticos e do marido, que põe as necessidades da família acima dos seus sonhos e anseios, enquanto a que não presta é aquela que se mostra insurgente, que não aceita viver uma história escrita por outros, cujo enredo e desfecho ela já conhece bem. O autor difunde a ideia de que o comportamento feminino é determinante para o sucesso financeiro do marido e êxito conjugal do casal. Dessa forma, isenta a participação homem no caso de falência no relacionamento e nas finanças. Neste cordel, a boa mulher é retratada como aquela que aceita calada o destino que foi traçado historicamente pela sociedade machista e patriarcal, que é casar, cuidar do lar e da família, uma mulher cujo casamento é a sua maior aspiração.

No folheto *Os Costumes do Passado e Os Usos de Hoje em dia* (2009), o autor Zé Lacerda desenvolve a narrativa a partir de diferentes costumes da sociedade, como as pessoas agiam no passado e na atualidade. Para falar sobre o casamento e a mulher ele diz:

Chamo atenção dos leitores
Pra esta apreciação
Sobre usos e costumes
Que faço com precisão
E depois digam comigo



Se os costumes antigos
Eram melhores ou não.
[...]
Começou com a monarquia
Que governava o Brasil
Trocaram pela república
Suas leis são mais de mil
Uma delas, a mais certa,
Que mais o sujeito aperta
É o casamento civil.

Qualquer sujeito viril
Que se casa atualmente
Só por casar, como dizem
Os matutos geralmente
Mas da mulher enjoado
E de outra se agradado
Pode casar civilmente.
(LACERDA, 2009)

Nas estrofes apresentadas, o autor exalta a virilidade masculina e retrata a liberdade da qual esse corpo vem gozando há séculos, quando aparece o casamento civil, que surge como uma penalidade para esses homens; contudo o mesmo exalta a possibilidade do divórcio e de um novo casamento como algo positivo, uma vez que “enjoado” da mulher os homens poderão se valer deste direito. Diante do exposto, vemos o quanto a mulher é retratada como um objeto pela sociedade, objeto esse que, enjoando o homem, pode ser devolvido, descartado, trocado a qualquer momento sem que haja qualquer sentimento de culpa para os que adotam tal comportamento.

Esses textos denunciam apenas uma face das diversas violências sofridas pelas mulheres na sociedade, uma vez que o machismo, o sexismo e o patriarcado ainda se encontram bem presentes na estrutura social. O processo de objetificação dos corpos femininos é umas das faces dessas violências seculares às quais esses corpos são submetidos. Ao serem objetificados, os corpos femininos passam por um processo de desumanização, tornando-se objetos do prazer, submissos aos olhares masculinos.

Recentemente, a cordelista sergipana Isabel Nascimento⁷, em meio a um debate que tinha como tema “O cordel como ferramenta de transformação social”, durante o evento virtual, III Encontro de Cordelistas da Paraíba, em 27 de junho de 2020, cobrou que os escritores do gênero mudassem o tom muitas vezes machista, racista e homofóbico. Sem citar nomes, a poetisa projetou sua voz, com coragem e firmeza, afirmando: “A vida está nos pedindo isso a passos largos.” (NASCIMENTO apud ESCÓSSIA, 2020) Em seguida, a cordelista prosseguiu sua fala de forma a denunciar o machismo que persiste no meio apontando que: “Se formos falar do cordel feminino, os cordelistas ficam achando que queremos tocar fogo nos livros deles. Se formos falar em literatura feminista, acham que queremos tocar fogo neles.” (NASCIMENTO apud ESCÓSSIA, 2020)

Segundo a poetisa, durante sua fala foi visível a inquietação dos homens que estavam participando do evento e que acompanhavam a transmissão; inquietação que gerou uma série de comentários e críticas à sua postura naquele momento, e posteriormente nos grupos de uma rede social. Isabel declarou que, após o evento, ocorreram sucessivos ataques e foi acusada de fomentar desavenças no meio. No sentido de tentar desqualificar a cordelista e invalidar seu discurso, os poetas que participaram do evento e outros que se somaram, passaram a questionar as produções e até mesmo sua vida pessoal. Ao agir dessa forma, esses homens acabaram expondo as vísceras do machismo que fora apontado durante o evento.

Diante das afrontas sofridas pela cordelista, outras mulheres conhecidas e anônimas do cenário do cordel se levantaram num grito em defesa a Isabel e pelo fim do machismo. A poetisa sergipana, que vem de uma família de poetas, em entrevista ao jornal *Diário do Nordeste*, afirma:

Não foi a primeira vez em que apresentei o tema numa palestra e isso sempre incomodou muitos homens, especialmente os que praticam atos machistas. É fato que não sou a primeira mulher a sofrer por conta desse problema. No entanto, foi a primeira vez também que um grupo de mulheres se reuniu e resolveu organizar um movimento de denúncia e enfrentamento ao machismo no cordel e de ação em defesa de todas as mulheres cordelistas. (NASCIMENTO apud BARBOSA, 2020).

⁷ Pedagoga, radialista, Presidente Fundadora da Academia Sergipana de Cordel e membro do Conselho de Cultura do Estado de Sergipe.

Diante de sua fala é possível perceber que os ataques recebidos pela cordelista Isabel do Nascimento emergiram como força motriz, uma vez que impulsionou inúmeras mulheres a lutar por protagonismo e espaço no cenário do cordel brasileiro. Intitulado “Movimento Cordel sem Machismo”, mais de mil mulheres se uniram e formaram coletivos que fizeram seus gritos ecoarem por todo país. Para além da voz, as poetisas cordelistas lutam para serem escutadas e valorizadas enquanto artistas da voz e do verbo.

Assim como os levantes feministas que ocorreram por diversos motivos e em diferentes momentos, o “Movimento Cordel sem Machismo” ganha força e entra para a história de lutas das mulheres por equidade e igualdade nessa sociedade. O machismo e o patriarcado que ainda habitam com força, legitimou-se pelos atravessamentos de gênero e as concepções equivocadas em relação ao potencial e o que pode ou não um corpo feminino fazer. Miguel e Biroli (2014) ratificam essa informação dizendo que

Também o movimento feminista foi erigido tendo a igualdade como bandeira fundamental. Desde as primeiras manifestações de inconformidade com a dominação masculina, as mulheres reivindicam o acesso a liberdades iguais àquelas de que os homens desfrutam (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 63).

O corpo feminino tem um histórico de luta. Todos os dias uma mulher escreve e inscreve sua história com suor e sangue, afinal, lutar contra o que está posto não é tarefa fácil. Em sociedades machistas e patriarcais, mulher é quase um sinônimo de dor e opressão. É verdade que há um histórico de lutas e conquistas, porém ainda são grandes as garras da sociedade que insistem em dominar as mulheres; os homens e o Estado insistem em “administrar” e controlar corpos femininos ditando o posto que podem ocupar, onde devem estar, como vestir-se e comportar-se.

Na atualidade, é possível perceber a presença feminina em vários locais e campos da sociedade. Todavia, não foi dado o lugar de protagonismo a essas mulheres, pois ainda é perceptível o processo de desvalorização da voz e de tudo que está ligado ao feminino. Ou seja, de acordo com Miguel e Biroli (2014, p. 65)

Não basta exigir o acesso das mulheres às atividades próprias dos homens. É necessário redefinir os critérios de valoração que fazem com que algumas atividades (as deles) sejam consideradas mais importantes e mais dignas do que outras (as delas).



É justamente nesse sentido que se faz necessário reconhecer a importância da atitude de Maria Batista das Neves Pimentel⁸, que, com muita bravura, enfrentou as barreiras impostas pelo machismo e pelo patriarcado e cravou um espaço na literatura popular, sendo justamente essa atitude estratégica a causadora do rompimento da dominação masculina na literatura de cordel. Maria das Neves abriu caminhos e traçou rotas para que outras mulheres, como Isabel Nascimento e os coletivos formados, pudessem erguer a voz através dos versos rimados e metrificados da poesia de cordel, para lutar pelo fim do machismo e em prol do protagonismo na literatura popular.

Maria das Neves e o “Movimento Cordel sem Machismo”, formado diante dos ataques sofridos por Isabel Nascimento, configuram-se verdadeiros “divisores de águas” no cenário do cordel brasileiro, pois essas mulheres enfrentaram com firmeza os arranjos orquestrados por aqueles que desejam manter seus privilégios.

Importa salientar que, após as manifestações nas redes sociais, debates e publicações feitas pelos coletivos, as mulheres cordelistas já vislumbram frutos dessas ações, uma vez que a presença dessas mulheres vem sendo mais notada, sobretudo em eventos e mesas de debates, outrora compostas apenas por homens. Logicamente, há muito que caminhar em prol da equidade de gênero em todos os espaços, mas essas mulheres, no âmbito do cordel, fizeram história e balançaram as estruturas; escreveram e inscreveram o feminino nos versos e no espaço da Literatura de cordel, como transpostos nos versos seguintes do cordel *Mulher de Luta e História*, da poetisa Julie Oliveira:

As lutas por equidade
Feminismo, reflexão
Conquistas e desafios
Fazem parte do refrão
Que cantamos ao dizer:
- Sou mulher, tenho razão!

E o que é ter razão?
É ser dona da verdade?
Calma, amigos, pois explico,
Com toda sinceridade:
Ter razão é ter ação
Na luta por igualdade.

⁸ Popularmente conhecida entre os/as cordelistas como a “mãe” do cordel, pois foi a primeira mulher, utilizando um pseudônimo masculino, a enfrentar o machismo e o patriarcado e publicar um folheto de cordel no Brasil.



Conhecer quem já lutou,
Quem luta e não se abala
Entender que o respeito
Está para além da fala
Ser ciente da missão,
Ser mulher que não se cala.

Razão é inteligência
Percepção e fazer
Reflexão sobre nós
E podermos entender
Que muito foi conquistado
Mas há muito por vencer.
[...]
Porém, apesar das leis
E de tudo que foi conquistado,
Ainda é bastante forte
A voz do patriarcado.
Preconceito e violência
Inda nos tem atacado.
(OLIVEIRA, 2019)

Nos versos acima, a cordelista Julie Oliveira impõe a sua “voz” como arma na luta contra o machismo e o patriarcado que, segundo a autora, ainda é muito forte e, ao se manifestar diariamente de diferentes formas, serve como instrumento de silenciamento das vozes femininas. A partir dos questionamentos lançados, a autora conduz os leitores à reflexão sobre a histórica luta das mulheres por igualdade e equidade nessa sociedade machista. A cordelista também exalta a ancestralidade, lembrando a importância de saudar e não esquecer quem veio antes assentando o caminho árido por onde toda mulher, independente do seu tempo, raça ou classe social, é obrigada a passar.

Considerações finais

As opressões diárias sofridas pelas mulheres são, antes de tudo, atravessadas pelas noções de gênero. O entendimento de gênero está relacionado à estrutura social, que, no caso do Brasil, é patriarcal e heteronormativa. Não há como pensar o corpo feminino sem pensar os atravessamentos e marcas sistêmicas produzidas pelo machismo e pelo patriarcado.

Ao longo da história, as sociedades patriarcais vêm submetendo os corpos femininos a diversas violências; mesmo diante das lutas, dos levantes e dos gritos, esses corpos estão sujeitos diariamente a sofrer de alguma forma. É bem verdade que houve uma pequena melhoria no cenário, mas a equidade de gênero caminha a passos lentos nos diversos campos da sociedade. Na literatura, seja canônica ou popular, o cenário não é tão diferente, as mulheres ainda são minoria e ainda têm suas vozes silenciadas e desvalorizadas. A frase “lugar de mulher é onde ela quiser!” tem ecoado pelos quatro cantos do mundo; entretanto, para além de ocupar o lugar, o espaço da sua escolha, as mulheres querem e precisam ter sua presença e suas produções respeitadas e valorizadas no sentido de alcançar lugares que, por muito tempo, a elas foram negados. Parece que o lugar de fala já foi encontrado e ocupado por muitas mulheres, todavia, ainda estão em busca do lugar de escuta e valorização. As mulheres há tempos vêm falando, gritando, impondo seus corpos e sua presença, mas permanecem lutando para que haja escuta da sua voz. Mais do que falar na sociedade, as mulheres querem diálogo, o diálogo pressupõe uma troca, uma escuta atenta e reflexiva. Os corpos femininos vêm questionando seu lugar na sociedade de diversas maneiras, as mulheres não querem só falar, elas desejam ser ouvidas e valorizadas nessa sociedade machista, patriarcal e heteronormativa.

Maria das Neves – assim como muitas mulheres, cada uma do seu jeito e no seu tempo – insatisfeitas com a condição feminina, lutou bravamente contra as opressões às quais a sociedade submete os corpos femininos todos os dias. No sentido de saudar quem veio antes, a ancestralidade, quem abriu caminho, assentou e cimentou esse espaço que Isabel Nascimento encontrou para gritar contra o machismo no “solo” da literatura popular, é que precisamos falar sobre essas mulheres, grafar e grifar seus nomes, pois é na coletividade que se faz a luta feminina.

É importante salientar que foi através da coletividade que o grito da poetisa Isabel Nascimento se fez ecoar, foi encontrando outras vozes outrora silenciadas que ele ganhou força e transformou de uma vez por todas o cenário da literatura de cordel no Brasil. Juntas, cordelistas de cada canto desse país continental que é o Brasil, ergueram a voz para gritar um NÃO contra o silenciamento e a invisibilidade das vozes femininas e pelo fim dos discursos machistas nos versos rimados e metrificados dos cordéis. A luta das mulheres cordelistas pelo fim do machismo no cenário e nos versos do cordel soma-se a tantas outras que fazem parte da história da mulher na sociedade brasileira. Esses enfrentamentos mostraram que é preciso rebelar-se, pois é no momento da transgressão e rebeldia que o verbo, a palavra, transforma-se

em ação. Só o movimento coletivo, a soma das vozes é capaz de estremecer, balançar e fazer “tombar” as estruturas de uma sociedade machista e patriarcal.

Por fim, a tradição literária oral é muito antiga e, embora, ainda seja pouco divulgada e valorizada em espaços de poder, ela permanece viva em cada canto do país. Uma literatura de resistência e luta que se renova a cada dia e será justamente a partir desse poder de renovação e, como sempre foi, na coletividade, que as mulheres cordelistas, empoderadas pelos versos de Maria e Isabel, gritarão e lutarão pelo fim do machismo nos versos e no cenário da literatura de cordel.

REFERÊNCIAS

- ALAGOANO, Altino. *O violino do diabo ou o valor da honestidade*. S. 1.: MEC/Pronasec Rural, SEC/Pb, UFPB, Funape, 1981.
- BARBOSA, Diego. Mulheres se mobilizam contra o machismo na literatura de cordel. In: *Diário do Nordeste*, 2020. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/mulheres-se-mobilizam-contr-o-machismo-na-literatura-de-cordel-1.2967252>. Acesso em: 08 jul. 2022.
- ESCÓSSIA, Fernanda. O cordel das mulheres: Uma nova geração reage ao machismo de um gênero poético. In: *Revista piauí*, Edição 168, Setembro 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-cordel-das-mulheres/>. Acesso em: 19 mar.2023.
- GUILHERME, Ceíça. *Cordelistas de todo o país se mobilizam contra o machismo na literatura de cordel*. In: *Revista Matracas*, 2021. Disponível em: <https://matracas.com.br/cordelistas-de-todo-o-pais-se-mobilizam-contr-o-machismo-na-literatura-de-cordel/>
- HAURÉLIO, Marcos. *Literatura de Cordel: do sertão à sala de aula*. São Paulo: Paulus, 2013.
- LACERDA, Zé. *Os Costumes de Passado e Os Usos de Hoje em Dia*. Paraíba: Coisas do Brasil, 2009.
- MANGUEIRA, Damísio. *Mulher Boa e que Não Presta*. Paraíba, 2011. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/3170091>
- MATOS, Edilene. A Voz e Suas Poéticas. In; *Repertório*. Salvador, ano 21, n. 30, 2018, p. 81-99.
- MENDONÇA, Maristela Barbosa. *Uma voz feminina no mundo dos folhetos*. Brasília: Thesaurus, 1993.
- MCCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Trad. Plínio Dentzien. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e Política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- OLIVEIRA, Julie. *Mulher de Luta e História*. Ceará: Cordel de Mulher, 2019.
- OYEWÙMÍ, Oyèrónké. *A Invenção das Mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SANTOS, Francisca Pereira dos. Mulheres fazem... cordéis. In: *Graphos*. João Pessoa, v. 8, n. 1, jan./jul./2006. p. 183-194

SANTOS, Francisca Pereira dos. *O Livro Delas*: catálogo de mulheres autoras no cordel e na cantoria nordestina. Fortaleza: IMEPH, 2020.

SILVA, Salete Maria. *Cidadania Nome de Mulher*. Ceará, 2001. Disponível em: <http://cordelirando.blogspot.com/2008/07/cidadania-nome-de-mulher.htm>

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n.2, jul./dez./1995, p. 71-99 (Trad. Guacira Lopes). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resorce/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 08 de set. 2020.